



## Olhando para trás

Era primavera. Nada poderia ser mais agradável do que correr pelo quintal de sua casa brincando com o cachorro, sentindo uma brisa refrescante passar entre seus cabelos, como faziam os dedos de sua mãe quando ele deitava em seu colo. Mas ela agora estava dentro da casa, mais precisamente na cozinha. E o que denunciava sua presença para quem estava do lado de fora era o cheiro da torta que assava no fogão. O garoto nem gostava tanto da torta, mas aquele aroma, misturado com o inconfundível ar de primavera, provocava-lhe uma maravilhosa sensação. Talvez pela idade, talvez pela inocência, naquele instante ele era apenas feliz, não tinha mais nada com o que se preocupar, a não ser jogar a bola para que seu companheiro a apanhasse. Ele não sabia ao certo o porquê, mas, de alguma forma, tinha que guardar aquele momento.

Vinham os quentes dias de verão. Suas tardes brincando pelo jardim ficavam uma década para atrás. Assim como o Sol, que agora se encontrava exatamente sobre sua cabeça, ele também vivia seu auge, o ponto máximo de sua vida, o clímax de sua história. Havia ainda tantos anos pela frente, mas ele sabia que aqueles seriam seus melhores instantes. Nem tão ingênuo como dez anos antes, nem tão preocupado como estaria dali a outros dez. Sabia o que a vida lhe cobraria, mas estar ali, sob os fortes raios do Sol, de olhos fechados e estirado sobre a areia fofa, era o suficiente para que ele quisesse aproveitar apenas o momento. Eram suas férias. Sua mente se desocupava de tudo o que havia aprendido nas aulas durante os meses anteriores para ser preenchida somente pelo som das ondas que ali perto quebravam. Mesmo sem levantar as pálpebras, era possível enxergar as águas - o movimento do mar ao alcance de suas mãos. Sonhava, e tinha consciência disso. Naqueles dias, ele se permitia sonhar; ele podia. Suas preocupações estavam longe. Longe como a ilha que agora avistava, no meio do oceano. Ele a sobrevoava. Olhava para frente, e tudo parecia estar distante. Mas ao se aproximar, podia tocar o que quisesse, era só estender a mão. Porque ele podia. Porque era verão. Porque era seu verão. Acordou com uma gota de chuva que caiu sobre seu olho esquerdo ainda fechado. Observou, então, que o céu escurecia.

Tal como a árvore lá fora que deixava cair sua primeira folha de outono, seu braço escorregou e tocou o chão. Um súbito movimento que o fez acordar. Sentiu os olhos ainda pesados, o corpo dolorido. As lembranças do dia anterior chegavam sorrateiramente, como se passassem por entre as frestas da janela ao seu lado. Fora dormir tarde, e já devia passar do meio-dia. Mas não tinha pressa. Não havia motivo para isso. Mexeu-se. Sentou-se sobre a cama, com os joelhos dobrados. Virou a cabeça para a esquerda e observou a paisagem que se abria frente ao vidro da janela. Tudo parecia ter sido pintado com tons frios. As ruas coloriam-se de amarelo, mas um amarelo bem mais pálido do que ele gostava de ver nos sóis de verões já distantes. Aquilo não lhe agradava. Não apenas a praia longínqua ou as folhas caídas, mas o vazio daquela casa, o vazio de sua vida. Para onde todos teriam ido? Relutou em se levantar. Sentia que, se o fizesse, alguma decisão importante teria de tomar. Em algum rumo teria de colocar a sua vida. Colocou os pés no chão e sentiu que ele estava mais frio do que de costume.

Um frio, entretanto, que não se comparava ao que sentia agora. Era o inverno mais rigoroso das últimas décadas. Seria seu último inverno, sua última estação. Sentado naquele banco de madeira, no meio da praça deserta, pensava no que lhe havia acontecido nos anos anteriores. Os outonos em que observava através da janela de seu quarto as folhas caírem das árvores; os verões em que se estendia na areia da praia e deixava o tempo passar; as primaveras nas quais o colorido do seu quintal era mais um convite para ele se divertir do lado de fora da casa. Mas não tinha boas lembranças dos invernos. Na verdade, nunca gostara de nenhum deles. Representavam momentos ruins, dolorosos, nos quais tudo parecia desmoronar ao seu redor enquanto ele não tinha nenhum controle sobre qualquer situação. Era o que lhe acontecia agora. Sozinho, pensava sobre as escolhas que havia feito - ou deixado de fazer - e que o levaram a estar onde estava neste momento. Além dele, não havia ninguém na praça. Os mendigos provavelmente tinham ido procurar um abrigo para não morrerem com o frio que fazia. Os vira-latas também. Era como se aquele espaço estivesse reservado somente para ele. Sentiu saudades de quando brincava com seu cachorro no quintal de sua casa. Entendeu o porquê de ter guardado aqueles momentos. Pensando nisso, resolveu deitar no banco, cobrindo-se com uns jornais velhos que estavam ali por perto. Fechou os olhos. Não mais ouvia o som de ondas. Não mais sonhava. Suas pálpebras fechadas permitiam que ele enxergasse apenas a escuridão.

**Victor Barbieri** é ex-aluno do Colégio Dante Alighieri (turma de 2004).  
Hoje cursa o terceiro semestre de Marketing na ESPM.